

Conto “O Fazedor de Luzes”, de Mia Couto

Introdução

O conto “O Fazedor de Luzes” foi publicado numa obra que agrupa diversos textos escritos por Mia Couto e dispersos por jornais e revistas nos últimos anos. Apesar de todos os contos incluídos em *Na Berma de Nenhuma Estrada e outros contos* serem relativamente breves, são caracterizados por uma forte intensidade narrativa. Os contos de Mia Couto, e este em particular, retratam, com recurso a processos de ordem figurativa, realidades e práticas africanas, crenças, valores e mitos com uma linguagem muito pessoal, em que se aliam os elementos do português falado em Moçambique e as recriações linguísticas propostas pelo autor.

Mia Couto* nasceu na Beira, em Moçambique, em 1955. Publicou os primeiros poemas no *Notícias da Beira*, com 14 anos. Em 1972, foi para Lourenço Marques estudar medicina. Apesar de ter formação superior em Biologia, área na qual exerce a sua atividade, foi, igualmente, diretor da Agência de Informação de Moçambique, da revista *Tempo* e do jornal *Notícias de Maputo*, exercendo funções frequentes no âmbito do jornalismo.

A sua obra**, que abarca o conto, o romance, a crónica e a poesia, foi galardoada com o Prémio Vergílio Ferreira em 1999. As suas obras, com um sucesso crescente, têm vindo a ser traduzidas em diversas línguas e a ser alvo de estudos cada vez mais profundos. Este autor é já uma referência incontornável da literatura lusófona.

* Mia Couto é o pseudónimo de António Emílio Leite Couto. A origem do seu nome “Mia” tem a ver com o carinho e a empatia que, desde a infância, sentiu pelos gatos.

** De que destacamos os seguintes títulos: *Raiz de Orvalho* (1983); *Vozes anoitecidas* (1987); *Cada homem é uma raça* (1990); *Cronicando* (1991); *Terra Sonâmbula* (1992); *Estórias abensonhadas* (1994); *A varanda do Frangipani* (1996); *Contos do nascer da terra* (1997); *Vinte e Zinco* (1999); *O gato e o escuro* (2000); *O último voo do flamingo* (2000).



Mia Couto em primeira pessoa:

“Nasci na Beira em 1955, sou filho de uma família de emigrantes portugueses que chegaram a Moçambique no princípio dessa década de 50. O meu pai era jornalista e era poeta. Ele publicou cinco ou seis títulos em Moçambique, uma poesia pouco íntima, mas também dois dos livros foram livros que tentaram ser livros de preocupação social, em relação ao conflito da situação existente em Moçambique. Mas eram livros em que a consciência política era mais antifascista, liberal, democrática, mas não questionando ainda a questão colonial. A família do meu pai é gente que enriqueceu um pouco no período da guerra, com garagens, e tinham portanto negócios ligados a automóveis. Eram do Porto.

O meu pai foi para África porque acho que ele queria seguir a carreira jornalística e não havia muita hipótese de emprego nessa altura em Portugal, penso que foi por isso. Mas havia também uma sensação de que eles precisavam de mais espaço, precisavam de começar uma coisa nova. A minha mãe vem duma aldeia de Trás-os-Montes, não tem história porque ela não conheceu a mãe nem o pai. A mãe morreu no parto duma próxima irmã. Ela ficou órfã, abandonada, depois foi acolhida por um padre que se apresentou como sendo tio delas. Então até o nome dela foi reescrito, foi inventado para ela não ter uma ligação com a sua mãe – uma “senhora do pecado”. Penso que ela queria muito sair dali quando era nova, o meu pai passou... “distraído”, ela agarrou-o e foram para o Porto. Depois foram de Portugal para Moçambique e nascemos nós, três irmãos, eu sou o do meio. Fernando Amado, dois anos mais velho, e o mais novo, que tem uma diferença de sete anos de mim, chama-se Armando Jorge. [...] O meu pai, com um grupo de alguns portugueses que tinham sido deportados de Portugal por motivos políticos, formaram associações do tipo cineclubes, centros culturais onde se faziam debates de certas coisas. O meu pai trabalhava em três jornais, o *Notícias da Beira*, o *Diário de Moçambique* e o *Notícias de Lourenço Marques*.

[...] A Beira era uma cidade muito conflituosa porque a fronteira entre os brancos e os negros era uma fronteira muito misturada, muito “atravessada”. E eu recorde-me – toda a minha infância é uma infância de viver no meio de negros, brincar, com eles, os meus amigos, as pessoas que eu posso referenciar da minha infância, com a exceção dos meus irmãos e mais alguns, todo o resto é uma infância toda vivida ali.

[...] Vivemos em quase todas as partes da Beira. O meu pai mudava constantemente de bairro. Mas era constante essa mistura. Porque a Beira é uma cidade conquistada ao pântano. Então, à medida que era possível secar uma região e construir casa de cimento isso fazia-se. Mas estavam lá as casas dos negros locais. Então, sempre do outro lado da rua havia africanos com casa de caniço. Não tanto esta arquitetura arrumada, de urbanização feita com plano, como aconteceu em Lourenço Marques. Vivi muito nessas zonas suburbanas, periféricas.

[...] Os brancos da Beira eram profundamente racistas. Quando eu saí da Beira para Lourenço Marques, em 1971, parecia-me que estava noutra país, porque na Beira havia quase *apartheid* em certas coisas. Não podiam entrar negros nos autocarros, só no banco de trás... Enfim, era muito agressivo. No Carnaval os filhos dos brancos vinham com paus e correntes bater nos negros... Recorde-me duma história: eu tinha um senhor que me dava explicações de matemática, privadas, e ele era pai dum coronel que tinha feito um massacre em que tinham sido mortos 125 ou 130 camponeses. E ele tinha fotografias do massacre dentro de casa, como uma glória! Eu só andei uma semana naquelas explicações. Nós chamávamos-lhe o “Bengalão”, porque ele tinha uma bengala grande, e quando começava a sessão de estudo ele mandava sair as mulheres – as meninas – e ficava só com rapazes, e dizia: “Cuidado, porque o pretinho está-nos a ouvir, é preciso impedir isso. Na escola eu tenho que baixar as notas dos negros para eles nunca ficarem à vossa frente, vocês têm que me ajudar nesta luta...” – e aquilo era uma coisa que para mim soava horrível.

[...] Eu guardo na minha infância, assim, uma coisa muito esbatida, um ponto de referência, as histórias que me eram contadas, dos velhos que moravam perto, vizinhos do outro lado da rua, de um outro mundo, e eu recorde esse mundo encantado até algumas histórias, sobretudo como eles me deixaram uma marca. Os meus dois irmãos também escreviam, com 16, 17 anos, e o meu irmão Carlos mais cedo, até. O meu pai tinha muito esta coisa que eu era o filho que lhe ia continuar a veia. [...] Em 83, publiquei o meu primeiro livro. Como uma espécie de contestação contra o domínio absoluto da poesia militante, panfletária. Para se ser revolucionário era preciso falar de marxismo, nos operários, e eu resolvi fazer um livro de poesia íntima, intimista, lírico. E o Orlando Mendes, que faleceu agora, fez-me um prefácio bonito, explicando que era uma coisa “nova”, no sentido de que se pode fazer uma poesia de vanguarda sem se falar muito em política. O livro esgotou-se rapidamente, não é o mérito daquele livro, quase todos eles se esgotavam.

Influências? Do Craveirinha, sim, um pouco do Craveirinha. Mas eu apaixonei-me mais pela linha dos brasileiros, pelo João Cabral de Melo Neto, pelo Carlos Drummond de Andrade. Quando comecei a descobrir o mundo da poesia pensava que os brasileiros tinham valores maiores. Talvez fosse uma resistência minha. Achava que havia uma certa injustiça praticada no relevo que se dava aos poetas portugueses em relação aos brasileiros, quando estes tinham superado os próprios portugueses. Sim, mas também tive a influência de alguns poetas portugueses, como Sophia de Mello Breyner, o Eugénio de Andrade, o Fernando Pessoa.”

Mia Couto, in Patrick Chabal, *Vozes Moçambicanas*

Atividade

1. **Elabora um breve resumo do texto que acabaste de ler, fixando os elementos mais marcantes da biografia do autor.**
2. **De que forma os antecedentes familiares de Mia Couto poderão ter influenciado o seu percurso? Justifica.**
3. **Que recordações da infância mais marcaram o escritor? Por que motivos?**
4. **Como se iniciou Mia Couto na escrita literária? Que autores mais o influenciaram?**
5. **Redige algumas perguntas que gostasses de colocar a Mia Couto numa entrevista.**

O FAZEDOR DE LUZES

1 Estou deitada, baixo do céu estrelado, lembrando meu pai. Nesse há muito tempo, nós nos dedicávamos, à noite, a apanhar frescos. O céu era uma ardósia riscada por súbitos morcegos, desses caçadores de perfumes.

– *Pai, eu quero ter uma estrela!*

5 – *Estrela, não: é muito custosa de criar.*

Eu insistia. Queria possuir uma estrela como as outras meninas tinham brinquedos, bonecos, cachorros. Aqui, no rés da terra, eu não podia ter nada. Ao menos, lá no infirmamento, se autenticassem minhas posses.

– *Mas, pai: o senhor diz que faz criação de estrelas.*

10 – *Fazia, tive de entregar todas. Eram dívidas, paguei com estrelas.*

– *Eu sei que sobrou uma.*

Meu pai não respondia nem sim nem talvez. Era um homem vagaroso e vago, sabedor de coisas sem teor. Dedicava-se a serviços anónimos, propício a nenhum esforço. Dizia:

– *Sou como peixe, ninguém me viu transpirar.*

15 E me alertava: veja o musgo, que é o modo do muro ser planta. Quem o rega, quem o aduba? Nada, ninguém. Há coisas que só paradas é que crescem.

– *É, minha filha: aprenda com o mineral. Ninguém sabe tanto e tão antigo como a pedra.*

Cuidava-me sozinha, órfã eu, viúvo ele. Ou seria ele o órfão, sofrendo do mesmo meu parentesco, o falecimento de minha mãe? Perguntas dessas são incorrigíveis: quem sabe é quem nunca responde. Na realidade, meu nascimento foi um luto para meu pai: minha mãe trocou de existir em meu parto. Me embrulharam em capulana com os sangues todos misturados, o meu novinho em gota e o dela já em cascata para o abismo. Esse sangue transmexido foi a causa, dizem, de meu pai nunca mais compridar olho em outra mulher. Em minha toda vida, eu conheci só aquela exclusiva mão dele, docemente áspera como a pedra. Aquele côncavo de sua mão era minha gruta, meu reconchego. E mais um agasalho: as estranhas falas com

25 que ele me nevoava o adormecer.

– *Você escuta os outros se lamentarem de seu pai.*

– *Não escuto, não – menti.*

– *Dizem eu não faço nada na vida, não faço nem ideia.*

E prosseguia, se perdoando:

30 – *Mas eu, minha filha, eu existo mas não sei onde. Nessa bruma que fica lá, depois do estrangeiro, nessa bruma é que você me vai encontrar a mim, exato e autêntico. Lá fica minha residência, lá eu sou grande, lá sou senhor, até posso nascer-me as vezes que quiser. Eu não tenho um aqui.*

– *Não diga assim, pai.*

– *Havia de ver, minha filha, lá eu não sou como neste lado: não cedo conversa a um qualquer. Pois nesse*

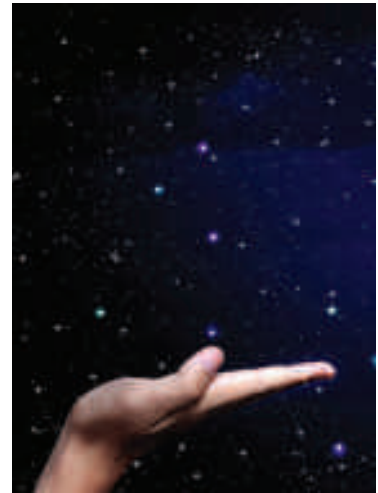
35 *outro mundo, filhinha, eu tenho o mais requerido dos serviços: sou fabricante de estrelas. Sim, faço estrelas por encomenda.*

– *Verdade, pai?*

– *Verdade, filha. Pergunte a Deus, sou até fornecedor do Paraíso.*

Voltávamos ao quintal, deitávamos a assistir ao céu. Eu já adivinhava, meu velho não suportava silêncio.

40 E, num gesto amplo, ele cobria o inteiro presépio do horizonte:



– *Tudo isso fui eu que criei.*

Eu estremeia, gostosa de me sentir pequenina, junta a esse deus tão caseiro. E lá, pai, eles nos veem a nós? Nada, filha, não nos veem. A luz daqui está suja, os homens poeiraram isto tudo.

– *Mas ela nos vê, lá nessa estrela onde foi?*

45 O pai não respondia. Ele que tinha palavra para tudo, tropeçava sempre no mesmo silêncio. Minha mãe: dela não mencionava nunca nada. Ela não era nem criatura, nem coisa, nem causa. Nem sequer ausência. E não sendo nem sujeito nem passado, ela escapava a ser lembrada. Meu velho fugia a sete corações do assunto da saudade. Como daquela vez que a mão, veloz, enxugou o rosto.

– *Você nunca olhe o céu enquanto estiver chorando. Promete?*

50 – *Então, me dê uma estrela, pai.*

– *Nada, as estrelas não podem ser dadas. Nunca veja a noite por trás da lágrima* – insistiu ele, sério.

Depois, quando se ergueu lhe veio uma tontura, sua mão procurou apoio no meio de dançarinas visões. Eu o amparei, raiz segurando a última árvore.

– *Está doente, pai?*

55 – *Qual doente?! É a terra que não gosta que eu saia de cima dela. A terra é uma mulher muito ciumenta.* E outras vezes ele voltou a tontear. Até que uma noite, após estranho silêncio, ele me disse, esquivo, quase tímido:

– *Vá lá. Escolha uma...*

– *Posso, pai?*

60 E fingi apontar uma estrela, entre os mil cristais do céu. Ele fez conta que anotava o preciso lugar, marcando no quadro negro o astro que eu apontara. Me ajeitou a mão na minha frente e me puxou para o seu peito. Senti o bater do seu coração:

– *Escolheu bem, filha.*

E explicou: aquela que eu indicara seria a luz onde ele iria morrer. Ninguém lembra o escuro onde nasceu.

65 Todos viemos de fonte obscura. Por isso, ele preferia a claridade dessa estrela ao escuro de um qualquer cemitério. Então, por primeira vez, meu pai fez referência àquela que me anteriorou:

– *É nessa estrela que ela está.*

Agora, deitada de novo nas traseiras da casa, eu volto a olhar essa estrela onde meu pai habita. Lá onde ele se inventa de estar com sua amada. E em meus olhos deixo aguardar uma tristeza. A lágrima transgride a

70 ordem paterna. Nesse desfoco, a estrela se converte em barco e o céu se desdobra em mar. Me chega a voz de meu pai me ordenando que seque os olhos. Tarde de mais. Já a água é todas as águas e eu me vou deitando na capulana onde as primeiras mãos me seguraram a existência.

Mia COUTO, “O fazedor de luzes” in *Na berma de nenhuma estrada e outros contos*

1. Identifica o narrador e classifica-o quanto à sua participação na ação.
2. Enumera as personagens do conto e esclarece as relações familiares e afetivas que mantêm entre si.
3. Uma outra personagem, apesar de não intervir na narrativa, condiciona sempre a vida e o comportamento das outras duas. Aponta-a, explicando o seu ascendente sobre elas.
4. O conto apresenta elementos relativos a dois momentos temporais distintos. Identifica-os e caracteriza-os, tendo em conta a posição do narrador face a cada um deles.
5. Localiza a ação no espaço. Que elementos textuais encontras para apoiar a tua opinião?
6. Qual a condição socioeconómica das personagens? Justifica com elementos do texto.
7. O pai da narradora surge como uma figura muito peculiar, apresentando-se de forma distinta aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros. Completa o esquema que se segue, depois de o copiares para o teu caderno, procedendo ao levantamento das características da personagem sob estes dois (e diferentes!) pontos de vista:

Autoimagem do pai	O pai aos olhos dos “outros”

8. Por que ponto de vista o vê (ou o prefere ver) a narradora? Justifica devidamente a tua opinião.
9. O conto refere rumores ou histórias que circulavam entre os habitantes da aldeia sobre o pai da narradora. Em que consistiriam? Tinham ou não, no teu entender, fundamento?
10. Efetua o levantamento dos vários pedidos (verdadeiras súplicas) da estrela feitos pela narradora.
 - 10.1. Como explicas a sua insistência e as recusas sucessivas do pai?
 - 10.2. Finalmente, como interpretas a oferta da estrela no final do conto?
11. Justifica o silêncio que o pai mantém com a filha face ao assunto da morte da mãe?
 - 11.1. Em que circunstâncias esse silêncio é quebrado? Por que motivo?
12. Nos diálogos que mantém com a filha, o pai estabelece uma diferença muito clara entre si e os “outros homens”, assim como entre “aquele lugar” onde ele se sente mal e o “outro lugar” onde ele é importante e ao qual pertence. Explica esta diferença, assim como as razões que justificam esta forma particular de pensar.
13. O texto vai apresentando indícios da doença do pai que preparam o leitor para a sua morte. Procede ao seu levantamento.

14. O pai prepara a sua filha (ainda criança) para o seu desaparecimento iminente. A que metáfora recorre para lhe explicar a morte?

15. A oferta final da estrela concretiza-se por meio de um jogo curioso de “faz de conta” em que ambas as personagens fingem acreditar nas ações que realizam, de forma a suavizarem a tragicidade do momento que as espera. Transcreve o parágrafo onde o narrador dá conta dessa realidade.

16. Atenta no último parágrafo do texto. Situa-o no tempo. Explica o seu sentido implícito.

17. A escrita de Mia Couto é assiduamente metafórica. Retira do texto alguns exemplos (os mais expressivos) deste recurso.

18. Atenta, agora, nos seguintes exemplos de neologismos criados por Mia Couto ou influenciados pela variante particular do português falado em Moçambique. Explica o processo de formação e o sentido dessas palavras.

estreloso	
infirmamento	
anterioriou	

19. Procede ao levantamento, no conto, de outros neologismos e/ou expressões particulares do português de Moçambique.

20. Esclarece o alcance do título do conto.

21. Explica o sentido da frase seguinte e dá conta da expressividade dos recursos nela utilizados: “Em minha toda vida, eu conheci só aquela exclusiva mão dele, docemente áspera como a pedra.” (l. 23)



22. Transcreve alguns momentos do conto onde as personagens deem conta do afeto que nutrem umas pelas outras. Como é que esses sentimentos surgem expressos no texto?

Para além do texto

1. Imagina uma carta escrita pela narradora à mãe ausente. De que lhe falaria? Que tom a caracterizaria? Redige essa carta imaginada.
2. Imagina o que poderiam ter dito sobre o pai da narradora os vizinhos que o conheciam. Elabora um diálogo entre dois desses vizinhos.
3. O céu e as estrelas aparecem, neste conto, com um simbolismo particular. Esclarece-o e dá conta, depois de consultares um *Dicionário de Símbolos*, da simbologia que lhe pode estar associada.
4. Perdidos os pais, a narradora ficou órfã ainda criança. Escreve uma ou duas entradas do seu diário pessoal, dando conta da forma como vivia e enfrentava essas perdas.
5. Imagina que a narradora tinha encontrado por acaso uma fotografia da mãe enquanto jovem. Descreve essa fotografia, a partir do ponto de vista da filha.
6. Redige um pequeno conto onde inventes uma viagem fantástica da narradora à estrela onde os seus pais “viviam”. Usa a tua imaginação e cria uma verdadeira fábula.

Para Reter

Alguns elementos bibliográficos relevantes sobre Mia Couto.

O significado do título do conto.

O tema do conto e alguns dos seus motivos.

A identificação e classificação do narrador.

A importância da relação afetiva e familiar estabelecida pelas personagens principais.

O tratamento do tempo e as suas consequências na construção do conto e do seu significado.

O relevo do narrador e da posição por ele adotada para o desenrolar da ação.

O significado simbólico dos pedidos da estrela feitos pela narradora.

O tratamento literário do tópico da morte.

A importância da infância e o seu significado no texto.

A linguagem metafórica do conto.

A “moral” do conto ou o seu significado final.

Verifica se Sabes

... explicar o título do conto e identificar a quem se refere.

... resumir a intriga do texto.

... identificar as personagens e proceder à sua caracterização.

... esclarecer a relação existente entre as personagens.

... identificar o sentimento que domina o conto e explicar a sua presença.

... localizar a ação no espaço e no tempo e explicar a sua importância.

... distinguir os dois momentos temporais referidos no texto.

... explicar a importância do tempo na construção da intriga e no desenrolar da ação.

... refletir sobre o tratamento de que o conceito de “morte” é objeto no conto.

... identificar e explicar alguns neologismos presentes no texto que singularizam a escrita deste autor.

... caracterizar o estilo e os processos de escrita de Mia Couto.